

PENTESILEIAS NO NOVO MUNDO

As ykamiabas pertencem à nação Kunury, belicosa e independente, de grande poder. Altas, belas, andam nuas, tapando apenas o sexo. São musculosas, têm os cabelos negros e compridos, entrelaçados à cabeça, e a tez clara. Com seus arcos e flechas, cada uma, individualmente, guerreia tanto, quanto dez índios [...]. Vivem sem maridos. Por causa disso, são chamadas também de 'mulheres sem maridos', 'mulheres sem lei', ou, ainda, 'mulheres fora-da-lei', uma variação para o termo cunhãs teco-imas, que em nheengatu significa 'mulheres doidas'. Ora, se vivem num monte escondido dos homens – o Monte das Mulheres -, se são mulheres sem maridos, sem lei ou fora-da-lei, ou seja, mulheres que não seguem os padrões comuns, normais, sendo, por isso consideradas mulheres incomuns, a definição não poderia ser mais apropriada.

Regina Lucia Azevedo de Melo (2012, p. 42)

Figura 30 – Barco a caminho da grande embarcação para navegar pelo rio Negro. Julho de 2014, Manaus (Amazonas)¹



Fotógrafo: Nahuna Melo (2014).

¹ Durante a pesquisa das Amazonas guerreiras na Floresta Amazônica e para participar como atriz do filme curta metragem *Os Anseios das Cunhãs*, de Regina Melo. A Comunidade de Livramento foi locação. Distante 2h30min de Manaus, adentrando o rio.

Figura 31 – Barco a caminho da grande embarcação para navegar pelo rio Negro. Julho de 2014, Manaus (Amazonas)²



Fotógrafo:

Há um mistério pairando sob os trópicos: as narrativas sobre as mulheres guerreiras Amazonas consistem em história ou mito? Expressam uma mitificação da história ou uma historicização do mito? Respostas múltiplas veem sendo lançadas à contenda ao longo dos tempos, e traz subjacente uma recorrente luta no campo do conhecimento entre quem supostamente produz a “verdade” e quem produz a “ficção”, o “mito”.

A presença das “irmãs selvagens de Pentesileia” no Novo Mundo³ é tão misteriosa quanto à floresta amazônica com sua imensidão de terras e a enigmática profundidade de suas estonteantes águas. Não há consenso e

² Durante a pesquisa das Amazonas guerreiras na Floresta Amazônica e para participar como atriz do filme curta metragem *Os Anseios das Cunhãs*, de Regina Melo. A Comunidade de Livramento foi locação. Distante 2h30min de Manaus, adentrando o rio.

³ Sobre o conceito de Novo Mundo e seus significados ver, entre muitos outros: *America, La bien ilhada*, de Roberto Levillier (1948); *Tratado*, de Gabriel Soares; *Historia da vida privada no Brasil*, de Fernando A. Novais (1977); *Raízes do Brasil*, de Sergio Buarque de Holanda (1936); *Capítulos da história colonial*, de Capistrano de Abreu; *Primeiros povoadores do Brasil*, de João Fernando de Almeida Prado (1935); *A construção do Brasil*, de Jorge Couto (1995); *Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil*, organizado por Padre Serafim Leite (1954); *Visão do Paraíso*, de Sergio Buarque de Holanda (1958); *Inferno Atlântico*, de Laura Mello e Souza (1993); *O Brasil de Hans Staden*, de Fernando Morais, na obra *Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*, de Hans Staden (1999).

coabitam infindáveis abordagens, guiadas por incontáveis concepções, que logram dar conta da questão.

Se o perquirir sobre as Amazonas acompanha a história da humanidade, da mais tenra idade até hoje, no Brasil a pendência é igualmente antiga e, indubitavelmente, atual, além de produzir, concomitantemente, outras indagações singulares que tentam descortinar as narrativas acerca das guerreiras no Norte brasileiro. Destaque-se: “qual a origem” dos primeiros habitantes da floresta amazônica e, conseqüentemente, “quando” começou o povoamento da América do Sul, portanto, da Amazônia? Se as mulheres Amazonas chegaram ao Brasil, “de onde vieram” e “quando” teriam chegado?

Os estudos que tentam responder às questões elencadas anteriormente são inúmeros, guiados por concepções múltiplas. Especialmente há estudos que apostam na presença de humanos na Amazônia há mais de onze mil anos, e de origens singulares, que ali chegaram por caminhos igualmente variados (CORRÊA; BANDEIRA, 2009, p. 5).

Entre as teorias vigentes há a que compreende que os primeiros habitantes das Américas, anteriores à colonização europeia, no tempo pré-colombiano, foram “grupos mongoloides que atravessaram o Estreito de Bering⁴ alguns milhares de anos antes” (MARTIN, 2005a, p. 66). Ressalte-se nesses estudos o registro importante da cerâmica na pré-história da Amazônia, considerado aspecto fundamental à compreensão da região nas suas origens. Há estudos que tomam essa cerâmica como uma das mais antigas do continente americano. Então, os artefatos líticos polidos como os muyrakytãs, como as estatuetas, amplamente pesquisadas pela arqueologia e citados nos Relatos coloniais indicam a ocorrência de diferentes povos na região, e nos lançam a um passado longínquo (CORRÊA; BANDEIRA, 2009, p. 5). Entre os tantos defensores da ideia, está o naturalista e botânico João Barbosa Rodrigues (1842-1909), cuja contribuição à arqueologia e antropologia amazônicas é de valor incomensurável.

⁴ Geograficamente, é a ligação mais estreita entre o continente asiático e americano. Parte das suas ilhas pertence à Rússia e outra parte aos Estados Unidos. Alguns estudiosos acreditam que no período de glaciações a água do mar concentra-se nas geleiras e calotas polares, diminuindo o nível do mar, expondo o solo oceânico. Assim, nestes tempos teria se formado uma ponte de terra (Beríngia) que facilitou a travessia dos homens e várias espécies de animais terrestres entre os continentes.

Sobre essa ocupação da Amazônia, a arqueóloga Gabriela Martin ressalta que “as pesquisas arqueológicas demonstraram que já estava ocupada há 12.000 anos por grupos de caçadores coletores” (MARTIN, 2005b, p. 1). É provável que venha daí a suspeita de que as Amazonas do Norte do Brasil “eram remanescentes de antigos povos que migraram para a América do Sul em busca de novas terras, no último período glaciário”, diz Regina Lucia Azevedo de Melo (2012, p. 17).

Há, ainda, uma primordial questão: existiu ou não o fato mais instigante citado nos Relatos coloniais estrangeiros e nacionais, e talvez o mais polemizado pelos intelectuais brasileiros, que é o encontro entre Francisco de Orellana e as índias Ykamiabas, as mulheres guerreiras Amazonas do Brasil? Não cabe aqui uma “única e verdadeira” resposta, mas sim trazer à baila algumas importantes contribuições, de áreas diversas, versando sobre a questão.

A arqueóloga Gabriela Martin aponta os Relatos dos primeiros cronistas como fonte essencial a ser desbravada para a compreensão da região:

A ocupação de grandes áreas da região amazônica durante a Pré-História é ainda desconhecida e apesar das pesquisas continuadas dos últimos cinquenta anos, ao observarmos o mapa arqueológico da região, podemos perceber a existência de apenas “ilhas de conhecimento” no meio de um imenso território ainda por explorar. Para explicar a densidade populacional da região em épocas pré-colombianas, tem-se recorrido mais a dados etnográficos do que a provas resultantes de registros arqueológicos, entre os quais estão os relatos dos primeiros cronistas (MARTIN, 2005b, p. 2).

Gabriela Martin reconhece a pluralidade das abordagens, que tentam explicar a contento o povoamento pré-histórico da Amazônia, e conclui:

Diversos modelos teóricos foram formulados para explicar o povoamento pré-histórico da Amazônia entre os quais se destaca a identificação de fronteiras étnicas, determinadas a partir da lingüística. Os três grandes troncos das línguas Tupi, Arawak e Caribe serviriam de base para explicar a distribuição étnica na grande Bacia. A caracterização dos estilos cerâmicos em tradições e fases também serviu de base para se determinar a difusão das culturas na região (MARTIN, 2005b, p. 2).

A escritora amazonense Regina Lucia de Azevedo Melo (2012), sócia do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas (IHGA), pesquisadora há mais de

três décadas sobre as Amazonas e os possíveis laços de união entre a Ásia e a América que aconteceram antes da Era Cristã, defende que muitas civilizações migraram entre os continentes, atravessando terra e mar, rios e florestas, desertos e montanhas, “para habitar as partes sombrias do planeta e, assim, construir as culturas que contariam mais tarde, a história da humanidade” (MELO, 2012, p. 23). Sobre esses povos primordiais da Amazônia, Regina Melo (2012) destaca:

[...] Esses Filhos do Sol e das Serpentes – assim eles se intitulavam – teriam vindo da Montanha Vermelha, dos subúrbios de Chifeng, na Mongólia Inferior, ou mesmo das regiões próximas ao Mar Mediterrâneo. Atravessaram as terras e alcançaram o “Novo Mundo”, quando ainda não soavam os sinos da comunidade cristã. Nas novas terras fixaram-se na América do Norte, de onde, depois, desceram em bandos para a América do Sul.

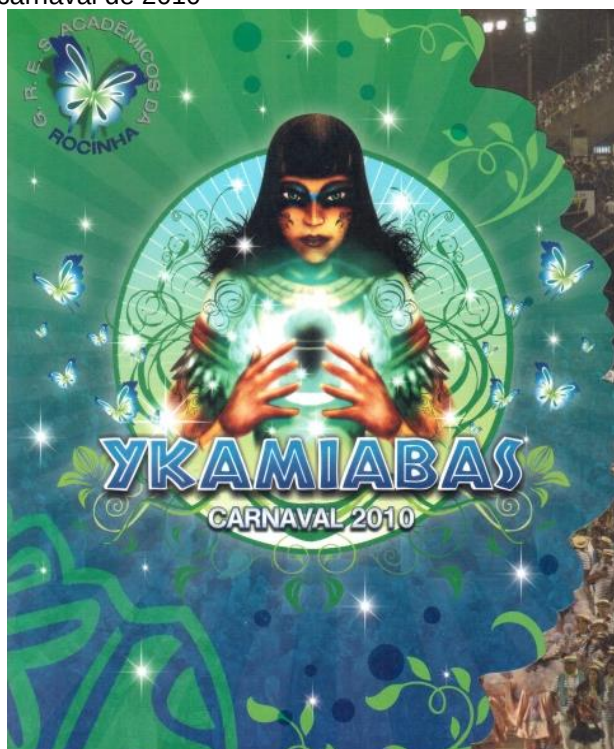
Essas civilizações alcançaram o México, o Panamá, a Colômbia, a Venezuela, o Peru e a Bolívia, até o vale do Amazonas. Teriam sido esses os primeiros karas, depois karaibas, dos quais se originaram os Toltecas, ou Nahuas [...] Lutaram, dispersaram-se e formaram novas nações: Omaua, karipuna, Kamayura, Auetê(rio Xingu) e Nahua, que se subdividiu em Kachinauá, Yaminauá e Uakanauá (rio Juruá) [...] Com os Karaybas, vieram também as mulheres guerreiras, portadoras de muyrakytãs – artefatos líticos, também conhecidos como pedras verdes -, amuletos que, pelas suas virtudes, proporcionavam força, saúde e poder [...]. Na disputa pela posse das terras, eles se dispersavam e se subdividiam: uns para o extremo sul, outros para o norte, levando consigo os vencidos karaybas. Iniciava-se a fusão dos povos do Vale do Amazonas. A partir desse momento entram em cena as míticas guerreiras (MELO, 2012, p. 23).

Autora do premiado livro *Ykamiabas: filhas da Lua, mulheres da Terra* sobre as índias Amazonas brasileiras, que reúne história, arqueologia, antropologia e mito em forma de ficção, Regina Melo pesquisa a presença das guerreiras no Brasil e divulga seus resultados de forma singular: as Amazonas foram as homenageadas, em forma de tema, no sambódromo do carnaval no Rio de Janeiro em 2010, pela Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha, com o samba enredo YKAMIABAS, inspirado no livro homônimo de Regina Melo⁵, que criou também uma ópera e livros de poesia com o tema. A grande e

⁵ Sobre o assunto, ver TV Globo.com em 25/01/2010 (<http://goo.gl/Yg4iWP>). O carnavalesco da Rocinha sob o título YKAMIABAS é Fábio Ricardo e foi apresentado na programação oficial do carnaval carioca pela Escola de Samba ACADÊMICOS DA ROCINHA, em 2010. Para ouvir a música e ver imagens do desfile em vídeo ou fotografia acessar <<https://goo.gl/nfWmJr>>. Ver ainda <<http://goo.gl/2JPGYH>> e o site oficial da escola <<http://www.rocinha.org/academicosdarocinha/>>.

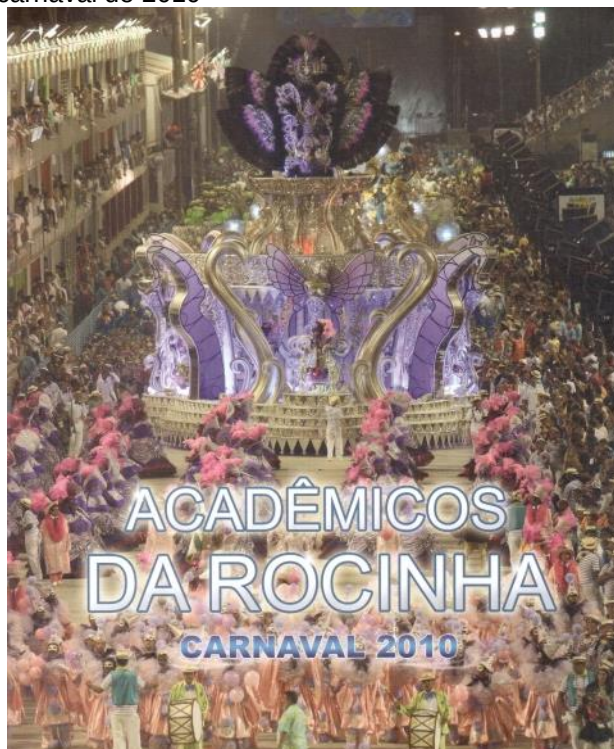
permanente questão que tenta descortinar é a “viagem do mito”, ou seja, como e quando teriam chegado ao Brasil essas mulheres guerreiras Amazonas?

Figura 32— Foto do site oficial da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha com o tema YKAMIABAS⁶para o carnaval de 2010



Fotógrafo: Autora.

Figura 33 – Foto do site oficial da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha com o tema YKAMIABAS⁷para o carnaval de 2010



Fotógrafo: Autora.

⁶ Inspirado no livro homônimo de Regina Melo.

⁷ Inspirado no livro homônimo de Regina Melo.

O livro *Ykamiabas: filhas da Lua, mulheres da Terra* percorre o mundo das mulheres guerreiras. Nessa pesquisa Regina Melo parte dos achados arqueológicos, etnográficos, etnológicos e históricos de importantes estudiosos da Amazônia. Seu primeiro referencial é o naturalista e botânico João Barbosa Rodrigues (1842-1909), com seu estudo sobre os muyrakytãs, e considerado um importante naturalista do século XIX, por ter sido inovador no Brasil na sistematização da arqueologia e antropologia, em especial no referente à Amazônia, em cujas pesquisas consta o estudo sobre a migração dos povos amazônicos nos milênios antes de Cristo. Entre seus estudos destacam-se suas pesquisas sobre o muyrakytã e as mulheres Ykamiabas.

Um segundo teórico a dar suporte às pesquisas de Regina Melo é o mitólogo, antropólogo, estudioso de cosmologia indígena, fluente em idiomas nativos, o Padre Casimiro Beksta (1923), um dos mais respeitados pesquisadores sobre o Alto rio Negro, uma referência da etnografia da Amazônia. Uma terceira referência teórica é Curt Nimuendajú. Considerado o maior indigenista de todos os tempos do Brasil (BALDUS, 1946, p. 241) o etnógrafo alemão Curt Unkel (1883-1945) mudou seu nome para um indígena, ficando Curt Nimuendajú. Ele é autor do famoso mapa de registro das tribos indígenas brasileiras, o *Mapa Etno-Histórico do Brasil*. Curt associava um intenso trabalho teórico, com igual trabalho de campo. Muito importante citar que os indígenas elencados por Curt Nimuendajú são também constantes da pesquisa de João Barbosa Rodrigues.

Por fim, Regina Melo embrenhou-se nas descobertas e curiosidades do conde italiano Ermano Stradelli (1852-1926), que se voltou ao estudo da Amazônia, inclusive, dos mitos cultuados pelos indígenas do Alto rio Negro. Sua pesquisa sobre Jurupari é uma referência para estudiosos. Jurupari era o legislador que impunha leis, especialmente às mulheres. Ilações poderão apontar que os preceitos de Jurupari correspondem à mudança da sociedade matriarcal para a patriarcal. Assim fala Stradelli sobre o mito:

Quando ele apareceu eram as mulheres que mandavam e os homens obedeciam, o que era contrário às leis do Sol. Ele tirou o poder das mãos das mulheres e o restituiu aos homens, e, para que estes aprendessem a ser independentes daquelas, instituiu umas festas, em que somente os homens podem tomar parte, e um dos segredos que somente os homens podem ser conhecidos por estes. As

mulheres que surpreenderem devem morrer; em obediência desta lei, morreu Ceuci a própria mãe de Jurupari [...]. O reformador institui nas cerimônias instrumentos musicais de sopro, especialmente uma longa trombeta de paxiúba, que produz um som cavernoso e profundo, de evocação misteriosa e sinistra. As mulheres não podem, sob pena de morte, ouvir sequer esse som. Nem os instrumentos musicais, máscaras e outros apetrechos das danças do Jurupari podem ser vistos por mulheres e mesmo rapaz não iniciado⁸.

Mário de Andrade em *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928), obra emblemática da cultura brasileira, especialmente no tocante à Antropofagia e ao Modernismo, aborda vários mitos amazônicos e brasileiros. Destaque-se do livro a morte de Ceuci – mãe do legislador – por desobediência ao filho. O livro traz ainda a convivência de Macunaíma com as Ykamiabas, a venda do muyrakytã e outros episódios relativos à cultura amazônica (ANDRADE, 1990).

Regina Melo (2004) enfatiza que, pelo ciclo mitológico das Ykamiabas, Conhori era a guerreira-chefe, líder de grande poder. Conhori também era o nome de rio Nhamundá e assim a tribo das guerreiras costuma ser citada. O nome também costuma ser grafado como Condori, Conduri e Cunuri. Cunury é a forma utilizada pela autora de *Ykamiabas* (MELO, 2004). Ainda segundo Regina Melo (2004), para as Ykamiabas a Lua era a entidade com a qual se identificavam. Elas reconheciam nesse astro uma manifestação da Deusa Mãe. Diferente de Jurupari, guiado pelo Sol.

Para os índios, as Ycamiabas eram “mulheres sem marido”, que viviam sob suas próprias leis. Tais quais as amazonas do mito grego, essas mulheres realizavam, anualmente, a “Festa da Lua”, ritual de acasalamento (com os índios Guacaris), garantindo assim a procriação.

Cascudo (2012, p. 42) registra em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* o Relato de Carvajal:

As mulheres residiam no interior, a sete jornadas da costa. Eram sem marido. Dividiam-se, numerosas, em setenta aldeamentos de pedra, com portas, ligadas as povoações por estradas amparadas, dum e doutro lado, com cercas, exigindo pedágio aos transeuntes. Quando

⁸ Stradelli. *Legenda Dell 'Jurupary*, Bolletino della Societá Geografica Italiana, Terc. Série, III, Luglio e segs., Roma, 1890. Em memória de Stradelli, Jurupari, 65-70, Manaus, Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2001; Geografia dos mitos brasileiros, Jurupari, 69-97, 3. Ed., São Paulo, Global, 2002; Renato Almeida. Trombeta de Jurupari, opus cit. p. 44-48 *apud* CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. Ed. São Paulo: Global editora, 2012, p. 383 - 384.

lhes vinha o desejo, faziam guerra a um chefe vizinho e trazendo prisioneiros, que libertavam depois de algum tempo de coabitação [...]. A rainha se chamava Conhori, Há riqueza imensa de ouro para as fidalgas e de pau para as plebeias. Na cidade principal havia cinco casas grandes, com adoratorios dedicados ao Sol. As casas de devoção são os caranai. Tem assoalho no solo e ate meia altura, os tetos forrados de pinturas coloridas. Nesses templos estão ídolos de ouro e prata e figuras femininas e muitos objetos preciosos para o serviço do sol. Vestem La de ovelha do Peru. Usam mantas apertadas, dos peitos para baixo, o busto descoberto, e um como manto, atado adiante com uns cordões. Trazem cabelos soltos ate o chão e na cabeça coroas de ouro, da largura de dois dedos [...] (CARVAJAL, 1541 *apud* CASCUDO, 2012, p. 42).

Calaxis Borja Gonzalez, no seu livro *As Notícias dos Jesuítas sobre o Novo Mundo* (Die Jesuitische Berinchters tallung uber die Neve Welt), analisa as cartas dos Jesuítas como registro, como “Relato” vigoroso do Novo Mundo e da América. O autor aborda a inegável influência desses escritos sobre o pensamento europeu Iluminista. Cita ainda a presença das Amazonas no Brasil Colônia, quando eram denominadas pelos índios de “mulheres briguentas” (GONZALES, 2011. p. 119)⁹.

O frei espanhol Gaspar de Carvajal (1504-1584) (CARVAJAL, 1541 *apud* LANGER, 2004, p. 4) é considerado o primeiro cronista sobre a exploração da Amazônia. Ele compunha a expedição de Orellana e é autor do célebre texto seu, que registra a presença das Amazonas na América: *Relación del nuevo descubrimiento del famoso rio grande de las Amazonas*. Conforme a crônica o encontro ter-se-ia dado na foz do rio Nhamundá em junho de 1542. Segundo a informação de um índio, que acompanhava o grupo de Orellana, as guerreiras tinham uma líder chamada de Coñori (PORRO, 1996, p. 58).

Em 1541, Gaspar de Carvajal descreveu um lugarejo com moradias de pedra e habitadas somente por mulheres guerreiras, na foz do rio Jamundá, próximo ao rio Negro. Essas mulheres adoravam o Sol em templos majestosos, enfeitados com ídolos em prata e ouro (CHEERS, 2011, p. 506).¹⁰

⁹ A tradução livre é da professora Maria Juraci Maia Cavalcante, estudiosa dos Jesuítas, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2, Doutorado em Ciências Econômicas e Sociais - Universität Oldenburg/Alemanha (1995), Pós-Doutorado em História Educacional na Universidade de Colônia/Alemanha (1999) e na Universidade de Lisboa (2006/2007).

¹⁰ Em Machu Picchu (Peru), nos Andes, algumas escavações arqueológicas descobriram muitos corpos de mulheres jovens, fazendo crer que a região acolheu uma “Acllhuasi”, confirmando a narrativa da mitologia histórica das Mulheres do Sol. Diferentemente das Amazonas, as Mulheres do Sol, ou Mulheres Escolhidas, eram escravizadas, não eram “cidadãs”, não tinham poder de decisão, nem desejo, nem autonomia. Quando uma Mulher

Regina Lucia Azevedo de Melo (2012), a partir de João Barbosa Rodrigues e Luis da Câmara Cascudo, descreve o rito dessas índias, a “Festa da Vitória”:

É noite de lua nova na floresta. As Ykamiabas aproximam-se do lago sagrado para mais um dia de “Festa da Vitória”. Elas assim o festejam, após dias de expiação e jejum, num lago de especial importância, localizado no Monte Yacy-Tapere, ou Serra da Lua. A “Festa da Vitória” ocorre anualmente, após o termino do primeiro ciclo menstrual das adolescentes debutantes. Dela participam, além da morubixaba da tribo, as avós, todas as jovens guerreiras e as iniciadas. Em procissão, e carregando potes cheios de perfume, elas descem a colina e abaixam-se, aos bandos, para as margens do lago Yacy-Uarua, o Lago Espelho da Lua (MELO, 2012, p. 54).¹¹

Ao final da “Festa da Vitória”, coroando o acasalamento, cada jovem escolhido pelas índias recebia delas de presente um muiraquitã, cujo barro verde para a sua feitura –era retirado do fundo do lago Yacy-Uarua.

Assim, a visão dionisiaca de mundo está presente nos rituais das amazonas do mito grego e das ykamiabas do Brasil colonial. A *Hybris* –seja em forma de luta, de guerra, seja em sua nuance sensual– nos rituais de acasalamento, engendra o orgasmo como fator de sociabilidade, aqui expresso no êxtase coletivo da Festa das Flores, ritual propiciatório de fertilidade das amazonas. No Brasil, entre as ykamiabas, é citado um rito noturno semelhante ao grego antigo chamado de “Festa da Vitória”, que acontecia no lago Yaci Uaruá (Espelho da Lua), quando as mulheres ofertavam o muirakitã aos homens após o ato sexual¹². E a conquista, conforme o mito grego, dava-se pela via da batalha corporal e violenta, sob os auspícios de rígidas regras, concebida pela organização matriarcal das amazonas.¹³

Escolhida perdia a virgindade – porque às vezes fugiam, se apaixonavam e eram queimadas vivas e o homem pendurado pelos pés (castigo imensamente menor, pois não pagava com a vida nem com a dor profunda do fogo). As narrativas das “Mulheres Escolhidas”, as virgens “Incas do Sol” dizem que elas usavam o voto de castidade, eram puras, guardavam-se e eram oferecidas ao deus INTI. Essas mulheres viviam enclausuradas na “Casa das Mulheres Escolhidas”, a “Acllahuasi”, Acllas, que significa mulher escolhida. A partir dos oito anos de idade eram recolhidas para servir ao deus Sol. Quando alcançava quatorze anos tomavam destinos diferentes, de volta para casa, ou para continuar servindo, casando com militares ricos.

¹¹ Sobre o muiraquita, ver também: Cascudo (2012), Stradelli (1929), Rodrigues (1889), Melo (1924).

¹² Sobre o matriarcado, ver ainda D’Eaubonne (1977).

¹³ Ibid.

Cascudo assim descreve o muiraquitã, cuja escrita pode variar: muira-kitá (nó de pau), mira-ki-tá (botão opo nó de gente), muiraquitã, muirakitã (forma mais antiga):

Artefato de jade, que se tem encontrado no Baixo Amazonas, especialmente nos arredores de Obidos e nas praias, entre as fozes dos rios Nhamundá e Tapajós, a que se atribuem qualidades de amuleto. Segundo uma tradição ainda viva, o muiraquitã teria sido presente que as Amazonas davam aos homens em lembrança da sua visita anual. Conta-se que para isso, nas noites de lua cheia, elas extraíam as pedras ainda moles do fundo do lago em cuja margem vivia, dando-lhes a forma que entendiam, antes de ficarem duras com a exposição ao ar [...] (CASCUDO, 2012, p. 465).

Figura 34 – Muyrakytã¹⁴



Fotógrafo: Regina Melo

Figura 35 – Muyrakytã¹⁵



¹⁴ Exposição *Coleção de Muiraquitãs do Governo do Pará*. Local: Museu de Arte Sacra – Galeria Fidanza. Endereço: Praça Frei Caetano Brandão, s/n – Cidade Velha. Belém (Pará).

¹⁵ Exposição *Coleção de Muiraquitãs do Governo do Pará*. Local: Museu de Arte Sacra – Galeria Fidanza. Endereço: Praça Frei Caetano Brandão, s/n – Cidade Velha. Belém (Pará).

Fotógrafo: Regina Melo

Cascudo faz referência em seu “Dicionário” aos estudos de João Barbosa Rodrigues acerca das populações que, possivelmente, nos tempos pré-históricos, teriam migrado da Ásia para habitar a Amazônia e cujo muiraquita seria uma das provas dessa teoria. Daí a importância do muirakitã para os que defendem que houve essa migração das guerreiras para o vale do Amazonas. A partir de pesquisas arqueológicas e afins, a pedra verde já foi encontrada em Campinas (São Paulo), Piui (Minas Gerais), Pinheiros (Rio de Janeiro), Obidos (Amazonas), Olinda (Pernambuco). Mas, evidentemente, há os que discordam de Stradelli, de João Barbosa Rodrigues, de Cristovão Acuña, de Carvajal, de Ladislau Neto, e muitos outros. Entre os discordantes, encontra-se Sílvio Romero¹⁶.

Padre Cristovão Acuña, por sua vez, escreve em seus Relatos:

As Amazonas não foram encontradas em 1639 como tinham sido em 1541. Moram no rio Conuris, confusão de Conhori, nome da rainha, para Frei Carvajal. O aldeamento principal era perto do monte Icamiaaba, que denominaria a população feminina. A história das Amazonas já se espalhara pelos rios e Evreux (82, *Viagem ao Norte do Brasil*) registra a fama que alcançaram no Maranhão mulheres e filhas Tupinambas, retiradas da companhia e domínio deles, guiadas e seduzidas por uma delas, localizadas numa ilha. O resto era a narrativa de Frei Carvajal, que também é o espírito santo de orelha de Frei André Trevet. A tradição nunca se popularizou no povo brasileiro. Ficou fixada **da** nos livros, nas memórias letradas, nos registros viajados. Não há *estória* popular conservando traço dessas Icamiabas valentes [...] (ACUÑA, 1641 *apud* CASCUDO, 2012, p. 42, grifo do autor).

Longe de uma concordância na literatura há, sobretudo, um embate de ideias na vasta produção sobre os primeiros moradores da região, sobre as Amazonas guerreiras e acerca da veracidade dos “Relatos” coloniais. Mas não se esgota aqui tal contenda intelectual. Importante atentar para Lezama Lima (1979 *apud* BERND, 2007, p. 21, grifo do autor) quando diz que “na América, nos primeiros anos da Conquista, a imaginação não foi a ‘louca da casa’, mas um princípio de agrupamento, de reconhecimento e de legítima diferença”.

Em *O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI e XVII)*, Ugarte (2004, p. 26) faz uma

¹⁶ Cf. Romero (1888).

referência importante sobre esses “Relatos” do frei dominicano espanhol acerca das guerreiras Amazonas. A autora diz que

Em vinte e três de junho os companheiros de Carvajal atingem as terras das supostas amazonas. De acordo com o registro do cronista, “estavam estes povos já avisados e sabiam da nossa ida, e por isso nos vieram receber no caminho por água, mas não com boa intenção” (p. 77), afirma ainda que o capitão tentou interlocução pacífica com os índios, mas estes “riram dos espanhóis” e disseram que “iriam aprisioná-los e levá-los às amazonas”. Orellana, ofendido com tamanha afronta, ordenou o uso de armas de fogo, afugentando temporariamente os nativos. Uma luta feroz se estabelece com a chegada de outras tribos, acrescidas de um grupo de mulheres, as amazonas, acontecimento que celebrizaria Carvajal na História.

A autora de *O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia...* destaca ainda a insofismável importância de Carvajal:

Se o capitão Francisco de Orellana foi a *prima vox*, que deu imediata divulgação aos acontecimentos vividos por sua expedição ao longo do rio Marañón, porém, foi outro amazonauta, que ao organizar a memória escrita da viagem – ironicamente, quase relegada ao esquecimento completo – deixou à posteridade o mais rico testemunho das impressões que a pequena tropa espanhola teve dos ambientes e gentes do grande rio. Trata-se do padre dominicano frei Gaspar de Carvajal (UGARTE, 2004, p. 46).

Ugarte (2004, p. 29) finaliza seu pensamento sobre os “Relatos” do frei e sua importância para a formação cultural do Brasil dizendo:

Apesar do final parecer retórica viciada, típica de relatos dos viajantes, mesmo Carvajal tendo sido contestado ao longo dos séculos, pela veracidade dos fatos narrados, especialmente o “episódio das amazonas”, seus escritos têm o poder de permanência própria dos documentos, tanto é que o nome do rio do *Marañón* ou rio de *Orellana*, passa a ser chamado, por Acuña, no século XVII de Rio das Amazonas, nome que se conservou na Geografia e na História brasileiras.

A denominação do rio Amazonas a partir da referência às índias Ykamiabas às mulheres guerreiras brasileiras não é fato isolado. Sandra Almeida (2007) cita alguns mitos femininos como fundadores das Américas. A autora destaca a importância das mulheres indígenas na constituição desses continentes. Mitos que se transubstanciaram, ganharam concretude, denominaram lugares, imprimiram uma feição feminina à construção imaginária

desses povos e culturas. Sandra cita, entre outras, Pocahontas (América do Norte), Paraguaçu (Brasil), Iracema (Brasil), Malinche (México):

Em várias narrativas fundadoras das Américas, a mulher indígena aparece como o mito de origem e fundador, ocupando um lugar relevante no imaginário nacional e auxiliando na construção de uma identidade americana... O mito da mulher indígena como instrumento de mediação cultural entre os dois povos reveste-se de conotação distinta na história literária de vários países das Américas (ALMEIDA, 2007 *apud* BERND, p. 463).

Almeida alerta ainda sobre o significado das conquistas do Novo Mundo pelos europeus fazendo alusão a uma alma feminina da América:

Visualizada como um paraíso a ser conquistado, a América, nomeada em homenagem àquele que revelou o Novo Mundo para a Europa, Américo Vespúcio, aparece persistente e emblematicamente representada como uma mulher bela, sedutora, atraente, cobiçada por seus dotes promissores e beleza exótica. No imaginário colonial, o novo território desvendado aos olhos europeus se apresenta em termos femininos como uma terra virgem a ser descoberta, explorada, possuída e usurpada. Nesse sentido, o corpo feminino simboliza metaforicamente a terra conquistada e serve de veículo para apropriações de imagens que remetem ao encontro dos dois mundos por meio de oposições de gênero. Nesse contexto, em um movimento metonímico, possuir a mulher nativa equivaleria a possuir a nova terra recém-revelada aos europeus (ALMEIDA, 2007 *apud* BERND, p. 462).

O teatrólogo e pesquisador amazonense Márcio de Souza considera que os Relatos “ofereciam ao mundo uma nova cosmogonia; dramaturgia de novas vidas ou espelho de novas possibilidades” (SOUZA, 1977 *apud* NEVES, [200-?], p. 36).

Na mesma direção apontada acima por Márcio Souza, destaque-se a **analista de discurso** Koch, Bentes e Figueiredo (2000) no livro *A descoberta do Brasil pela Amazônia: o relato de viagem de Gaspar de Carvajal*. Eles defendem que a

Nossa leitura do texto nos permite dizer que um dos principais sentidos produzidos na crônica de Gaspar de Carvajal é a apresentação das estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelo capitão Orellana e seus homens para saírem vivos daquela jornada tão inesperada e perigosa. Carvajal está preocupado em descrever detalhadamente os passos dados pelo grupo, os motivos, as razões pelas quais o grupo aportava ou não em determinado lugar, as formas de comunicação estabelecidas entre os espanhóis e os índios. [...] É como se, a todo o momento, o Cronista estivesse

primordialmente chamando a nossa atenção para a esperteza, a coragem, a inteligência, a força de vontade, e, ao mesmo tempo, para as fraquezas, as desventuras, os medos daqueles homens frente a uma situação sem precedentes. [...] Não havia lugar para a persuasão. Era mais urgente relatar uma saga (KOCH; BENTES; FIGUEIREDO, 2000 *apud* NEVES, [200-?], p. 30).

Ao discorrer sobre as mulheres Amazonas do Brasil Colônia, o Padre Cristóvão Acuña (1597-1676) – membro da Expedição de Pedro Teixeira (1570/1587-1641)¹⁷ e autor do *Nuevo Descubrimiento Del Gran Rio de Las Amazonas*, 1641 – escreveu, enfaticamente, sobre as mulheres guerreiras a partir do depoimento dos índios:

Eu não posso calar o que ouvi em meus ouvidos e quis verificar logo que embarquei neste rio das amazonas. Disserem-me, pois, em todas as povoações em que passei que havia mulheres no seu país como eu lhas pintava e cada uma em particular dava-me sinais tão constantes e informes, que se não é assim, é preciso que a maior mentira passe em todo o mundo novo pela mais indubitável de todas as verdades históricas (ACUÑA, 1641 *apud* MELO, 2012, p. 117).

Acuña cita em seu Relato o rio Nhamundá sob a denominação Cunuris ou Conduris, nome dos primeiros indígenas a habitarem a região, próximo à foz do rio. Conforme relata Acuña, na região próxima ao rio Nhamundá, sendo um pouco acima, viveriam os Apantos, habitantes usuários da língua Tupi. Haveria ainda, ao Taguaus e depois os Carcarás. Esses últimos povos teriam contato direto e sistemático com as Amazonas, que por sua vez viveriam estrategicamente no Monte Ykamiaba, o pico mais alto da região montanhosa (ACUÑA, 1641 *apud* MELO, 2012, p. 59)¹⁸.

Alonso Rojas foi outro integrante da Expedição de Pedro Teixeira que também registrou a presença das guerreiras Amazonas. Ele teria acompanhado a viagem de Cametá no Pará até alcançar Quito no Peru. Sobre Rojas assim fala Guapindaia (2008):

Sua narrativa contém poucas referências nominais a tribos ou localidades, porém faz referência a grande quantidade de tribos encontradas ao longo da viagem. Também relata a existência das amazonas, porém na região dos Omágua, no alto Amazonas (ROJAS, 1941 *apud* GUAPINDAIA, 2008, p. 14).

¹⁷ O padre Cristóvão Acuña foi o Relator da expedição do Português Pedro Teixeira sobre a qual escreveu o livro *Nuevo Descubrimiento Del Gran Rio de Las Amazonas*. Interessante anotar aqui que Pedro Teixeira foi recentemente homenageado pelo Senado brasileiro como um importante defensor da Amazônia, conforme consta no *Diário do Senado Federal* nº66489 de 11 de dezembro de 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/kphyqX>>. O bandeirante chegou ao Brasil em 1607, embrenhou-se pelo baixo Amazonas tendo lutado contra os franceses, ingleses e holandeses defendendo a costa brasileira em nome de Portugal. Comandou 47 grandes canoas, 70 soldados e 1200 índios, atravessando o grande rio até chegar ao Equador.

¹⁸ Cf. Acuña (1641 *apud* GUAPINDAIA, 2008, p. 15).

Charles-Marie De La Condamine (1701-1774) em seus “Relatos” defendeu a presença das guerreiras na bacia amazônica. Excepcionalmente o francês inovou na sua pesquisa dedicando-se a ouvir os relatos orais diretamente dos índios. Em 1745, escreveu *Relation d’un voyage fait dans l’intérieur de l’Amérique méridionale* onde considerou a existência de uma república de mulheres na região amazônica, nas proximidades do rio Negro (DE LA CONDAMINE, 1745 *apud* LANGER, 2004, p. 4).

Os fatos citados remetem mais uma vez à indagação: estaria havendo uma historicização do mito? O historiador Langer (2004, p. 4) comenta a obra De La Condamine, enaltecendo exatamente o aspecto da racionalização:

A obra do explorador francês foi também responsável pela perda da credibilidade nas lendas coloniais, oferecendo opções racionalistas e históricas para o desvendar da paisagem geográfica e no estudo das culturas da região. Mas as mulheres guerreiras ainda fascinavam [...] Denominadas de Comapuínas pelos indígenas, diferenciou esses relatos orais do antigo mito grego, acreditando que os conquistadores haviam mesclado os dois relatos devido às suas inclinações para o maravilhoso. Um dos momentos mais marcantes de sua narrativa foi a descrição do relato de um soldado Francês de Caiena. Esse militar teria avistado no pescoço de índias da região amazônica, pedras verdes, que foram atribuídas às terras das “mulheres sem maridos”. Em outro trecho, também comentou a existência dessas fascinantes “pedras das amazonas,” joias admiravelmente cortadas e talhadas com figuras de animais. Desta maneira, o explorador não apresentou apenas evidências folclóricas orais, mas também vestígios materiais atestando a antiga existência das misteriosas guerreiras.

Langer (2004, p. 4) traça comparação entre aquelas abordagens coloniais e as oitocentistas. Para ele os “Relatos” do século XVI sobre as Amazonas eram narrados sempre referentes a povos, civilizações, “cidades imaginárias” do Eldorado, busca pelo ouro, prata, tesouros. Diferentemente, à época De La Condamine, as promessas de ouro, prata e territórios paradisíacos não encantavam tanto os europeus, guiados que estavam pela razão, pondera Langer.

Fato singular envolveu o naturalista inglês François Louis de Nompur de Caumont La Porte (1810-1880), o Conde de Castelnau, que se dedicou a pesquisas arqueológicas no Norte do Brasil e defendeu a ideia de ter encontrado uma estátua referente às Amazonas (LANGER, 2004, p. 1). Ele realizou a sua expedição (francesa) à América do Sul em 1843. Ele encontrou

a estátua em Manaus, na região do Rio Negro do Pará, que de imediato enviou à França, ao Museu Imperial do Louvre (Paris) junto com outros objetos. A estátua circulou a Europa como uma relíquia originada da civilização das Amazonas no Brasil. O Conde de Castelnau confirma a informação em 1847 no periódico *L'Illustration* (BLAKE, 1970 *apud* LANGER, 2004, p. 2). A referida estátua, algumas inscrições gravadas em pedra, machados e pedras de jade são citadas pelos índios como pertencentes às Amazonas, conforme cita Castelnau:

Foi-me também assegurado que no rio Negro havia inscrições gravadas nas pedras, bem como figuras de animais entre as quais citavam-se uma ave de rapina, um jacaré, etc. Seriam elas procedentes dos Caripunas ou dos Zurinas, que conforme o padre Acuña (cap. 63) tinham "uma aptidão admirável para os trabalhos manuais e que, sem outras ferramentas senão as dos demais índios, faziam banquinhos em forma de animais, estátuas humanas e outras figuras com surpreendente perfeição"? Os machados que por aqui se encontram amiúde e que são atribuídos às Amazonas, parecem ser de um feldspato ordinário verde; não se sabe de onde provêm. Deram-me também, na Barra, fragmentos de jade que haviam sido encontrados na areia do rio Negro: eram pequenos cilindros em forma de contas de rosário, em tudo semelhantes aos que se encontram nos túmulos antigos do velho mundo. Os índios lhes atribuem virtudes medicinais. Não foi possível saber de que lugar vinha esse mineral; os índios só diziam que não eram do país. Pode ser que a sua origem deva ser buscada nas primeiras migrações da raça vermelha; torna-se difícil não admitir que um povo mais civilizado que os índios atuais tenha habitado outrora esta região. Para terminar este assunto, diversas pessoas me falaram de uma grande estátua que havia sido levada a Santarém (PORRO, 2013, p. 299).

Em 1850, Castelnau mais uma vez divulgou estatuetas de pedra, que ocorreram na região amazônica pela cultura chamada Santarém. Atualmente essas estátuas são consideradas peças raras. Acredita-se que não restam mais de 20 exemplares no mundo e registra-se que foram encontradas a partir de 1870, sendo totalmente desconhecidas pela academia até então. Para Castelnau (1850 *apud* LANGER, 2004, p. 5).

cette légion de femmes combattit vaillamment et périt les armes à la main. Il NE serait donc pas étrange qu'un fait qui s'est présenté à plusieurs reprises dans l'ancien monde se fût rencontré une fois dans le nouveau.

Ou seja, “esta legião de mulheres lutou bravamente e morreu com armas na mão. Por conseguinte, não é estranho o fato de ter aparecido várias vezes no mundo antigo, e agora ser encontrada no Novo Mundo”.

No Brasil as descobertas de Castelnau foram rebatidas pelo historiador Antonio Baena, sócio do IHGB. Entretanto, até o “advento da estátua” a recepção à expedição de Castelnau era positiva, como enfatiza Langer:

Anteriormente a expedição de Castelnau sempre mereceu um grande incentivo por parte dos acadêmicos cariocas. Januário Barbosa, por exemplo, declarou que essa comissão francesa contaria com todo o apoio do Instituto, do qual Castelnau era sócio. Ao todo foram publicados no periódico da agremiação mais de sete documentos, enviados pela comissão francesa do interior sul-americano (1843-47), comprovando o interesse que essa incursão estava suscitando (LANGER, 2004, p. 6).

Langer (2004) cita Rouanet (1991) para levantar algumas suspeitas sobre a mudança de atitude da intelectualidade brasileira frente à expedição de Castelnau. O caso da estátua foi emblemático nesse sentido. Rouanet (1991) comenta essa radical variação. E assevera:

Apesar de existirem escritores que foram considerados verdadeiros “amigos” do Brasil, a exemplo de Von Martius e Ferdinand Denis, os estrangeiros começaram a ser vislumbrados com olhos meticulosos e críticos. **Se as certezas e qualidades do tropical reino não fossem confirmadas nas publicações, seus autores eram colocados como inimigos ferrenhos da Nação** (ROUANET, 1991 *apud* LANGER, 2004, p. 6, grifo nosso).

A citação a seguir, sobre o caso da estátua, de Langer (2004, p. 6) ilustra a fala de Rouanet (1991):

Três meses após a publicação do relatório de Antonio Baena, em agosto de 1848, Manuel Porto Alegre – recentemente empossado diretor da seção de arqueologia do IHGB – solicitou ao mesmo sócio melhores informações sobre “a pretendida estatua antiquíssima” que o conde havia transportado do rio Negro para Paris. Não sabemos se ocorreu uma resposta, mas neste mesmo ano, Porto Alegre escreveu um pequeno opúsculo chamado *A estatua amazonica: uma comedia archeologica*, que constitui um documento ímpar acerca do imaginário arqueológico no século XIX. Como comédia teatral, o livro foi inspirado na obra de Martins Pena [...].

Mas o caso da estátua não estava encerrado. Pelo contrário. Havia uma necessidade imperiosa de retrucar os “Relatos” que versam sobre as mulheres

guerreiras no Brasil. O Imperador entra no caso e solicita aos intelectuais do IHGB uma ação, ou seja, uma resposta plausível. O poeta indianista **Gonçalves Dias** foi designado para tal tarefa. Em três meses apresentou uma tese de 70 páginas, preta de erudição, não só rebatendo os escritos sobre as Amazonas do Brasil Colônia, comentadas pelas expedições, como também criticou a produção sobre o tema desde a antiguidade, elencando dados que deveriam fazer cair por terra a presença das Amazonas no Velho e Novo Mundo. Sua tese foi publicada na *Revista do IHGB* em 1855. Como frisa Langer sobre Gonçalves Dias:

Sua estratégia foi apontar elementos contraditórios nos relatos clássicos ou a falta de provas concretas no mundo ocidental. Na literatura grega citou as Amazonas de Apolonio de Rodes, como um recurso utilizado por este autor para glorificar os atos heróicos dos argonautas. Outros autores antigos como Justino e Estrabão, surgem em longas citações descritivas das ginecocracias asiáticas e africanas. Também encontrou escritores que concebiam a narrativa como fábula, a exemplo de Palephatus e sua *Histoire incroyables*. As Amazonas seriam homens (barbados) que utilizavam vestidos compridos como as mulheres, motivo da confusão! Finalmente, quase ao término de seus estudos clássicos, Dias citou as famosas passagens de Heródoto. Sendo o primeiro a narrar o mito desta tribo, no livro IV de sua *História* (século V a.C), o escritor grego apontou a denominação de *androntonoi* pelos Citas, além de detalhes cotidianos. Essas mulheres apenas uma vez por ano, convidavam os povos vizinhos para relações sexuais, perpetuando a sua tribo. Sem nenhum apoio histórico convincente por parte da bibliografia clássica, Dias reforçou a estrutura fantástica da narrativa, passando para o contexto americano [...] Sua derradeira conclusão, apesar de toda e qualquer hipótese que enunciou anteriormente, foi de que não houve verdadeiras Amazonas nem no Velho Mundo e nem nas Américas (LANGER, 2004, p. 9, grifo do autor).

Em 1882, a *Revista da Exposição Antropológica* publica *A lenda das Amazonas*. Na publicação vê-se:

De debates arqueológicos, passando por categorias míticas, agora as Amazonas transformaram-se em alegoria de um espaço geográfico selvagem, onde a natureza poderia quem sabe, um dia ter dispensado os homens: “Nesse sonho de totalidade, de unidade que a humanidade persegue obscuramente desde que existe, não há muitas soluções míticas que sejam perfeitamente satisfatórias (BOYER, 1997 *apud* LANGER, 2004, p. 3).

No Brasil, as mulheres guerreiras estão presentes na literatura, despertando fascínio e curiosidade. Para Langer (2004, p. 3), as Amazonas são como o

Símbolo de liberdade do sexo feminino, a antiga realidade de uma sociedade sem varões em plena floresta tropical apenas reforçou os mistérios que envolviam nosso passado. Quais surpresas aguardariam os exploradores do Oitocentos?

Corroborando Langer, há de se perguntar: por que incontáveis temas constituintes dos “Relatos” são considerados históricos, etnográficos ou arqueológicos, mas não os que versam sobre as Amazonas? Será que Marie Vautier está com a razão quando diz que esses “Relatos” oferecem “uma mitologização ficcional de nossa história como um meio de adquirir um conhecimento necessariamente provisional de nosso(s) passado(s)”? (VAUTIER, 2007). Françoise D’Eaubonne bem antes já indagava:

Será coincidência o fato de termos tido que esperar por 1972 para que o antropólogo Von Puttmaker comunicasse à Academia de Berlim a sua descoberta de três grutas do Amazonas encontradas na selva brasileira, com a fotografia das decorações murais que reproduziam exatamente o nome de Amazonas dado ao rio americano, e que fosse tratado de ficcionista por toda a ciência universitária? (D’EAUBONNE, 1977, p. 248).

No seu livro *Amazonas: História e Cultura Material no Brasil Oitocentista*, o historiador Langer¹⁹ defende como um dos mais intrigantes e polêmicos episódios de nossa história o encontro de Francisco de Orellana com as mulheres guerreiras, cujo registro compõe em ilustrações majestosas a cartografia europeia. O historiador considera que o fato sobreviveu ao Iluminismo, ao contrário de outras abordagens coloniais. Langer afirma que

[...] as mulheres guerreiras foram identificadas nos séculos XVIII e XIX como sendo uma tribo indígena, herdeiras de antigas civilizações desconhecidas de nosso país. Exploradores estrangeiros como La Condamine e o conde de Castelnau perpetuaram a existência dessa sociedade mítica no mundo moderno, demonstrando que o assunto estava distante de ser considerado apenas um episódio quimérico (LANGER, 2004, p. 1).

As irmãs selvagens de Pentesileia da pesquisadora alemã Urick aborda a presença das Amazonas no Brasil a partir da escrita de Alexander von

¹⁹ Johnni Langer é estudioso dos vikings, medievo, sagas nórdicas, paganismo, arqueologia, história e imaginário. Atualmente é professor da Universidade Federal do Maranhão. Possui doutorado em História (UFPR, 2001), Pós-Doutorado em História Medieval (USP, 2006). Atua principalmente nos temas: história e cultura na Era Viking e na Escandinávia Medieval, Mitologia nórdica, sagas islandesas, Literatura nórdica medieval, história do paganismo escandinavo, História da Arqueologia e Astronomia, Arqueoastronomia e Etnoastronomia da Escandinávia Medieval, religiosidade pré-cristã, feitiçaria.

Humboldt (1769-1859), cientista, etnólogo, arqueólogo, físico, geógrafo, geólogo, mineralogista, botânico, vulcanólogo, um alemão que realizou expedição à América do Sul, de 1799 a 1804. Igualmente ao Conde Castelnau, Humboldt confirmou a presença de pedras das Amazonas em tribos do rio Negro no seu *Voyage aux Regions Equinociales de 1804* no oitavo volume da obra (DIAS, 1855 *apud* LANGER, 2004, p. 4).

Urlick conclui que, na verdade, o que se debate não é se havia mulheres guerreiras no Norte do Brasil à época das expedições, como a de Francisco de Orellana, mas se as aludidas mulheres eram oriundas da Ásia Menor (atualmente Turquia), tais quais as citadas pela literatura clássica grega antiga. Urlick adverte que Orellana fora alertado pelos índios locais sobre a presença das mulheres, que eram chamadas “coniupuyara”, que significa “mulheres grandes”. Os índios ainda alertaram para que os navegadores tomassem cuidado, pois elas eram muitas. Portanto, antes de entrar “na linha de fogo” com as guerreiras ele já havia sido advertido, o que não foi uma surpresa. Esse é um dado muito importante, como afirma Urlick:

Não se trata da primeira descrição das Amazonas na América, mas o relato é um dos mais interessantes, pois contém informações dos indígenas, uma vez que, a bordo daquela expedição, havia um tradutor de fala tupi-guarani que sabia interpretar as “notícias” dos “selvagens”. Estes eram descritos como sendo altos, fortes e de tez clara. Os relatos davam conta ainda de que habitavam casas feitas de pedra, onde acumulavam fortunas incríveis, bem como figuras femininas de ouro e de prata.

Um fator importante no contexto dessa discussão é a fundação, em 1838, do IHGB. Registra-se que um dos primeiros assuntos de interesse do IHGB foram as Amazonas. Assim, criou-se uma comissão (composta de José Rebello e Lino Rabello) para examinar a obra de Alexander Von Humboldt (1769-1859). A dupla emitiu um parecer defendendo que Orellana teria encontrado realmente um grupo de índias, mas tão somente porque os homens, os índios, estavam ausentes. Mas o parecer não contentou. E em 1841 o tema volta à tona pela voz do “sócio” Joaquim Silva, propondo que a questão das guerreiras mereceria “um programa a ser desenvolvido pelo IHGB: “quais as provas da sua antiga existência, ‘quais seus costumes, usanças, crenças’ e qual a relação

com o mito originário da Ásia”?, perquiria (DIAS, 1855 *apud* LANGER, 2004, p. 1).

Em 1842, as amazonas novamente “invadem” o IHGB. Desta feita, pela escrita do “sócio” José Machado de Oliveira, para ele carecia agora desvelar: “*Qual era a condição social do sexo feminino entre os indígenas do Brasil?*” (DIAS, 1855 *apud* LANGER, 2004, p. 2). Para José Machado, as Amazonas representavam e eram a prova de uma sociedade excepcional, de mulheres independentes. Para suas conclusões favoráveis à existência dessas índias, o autor partiu de duas premissas sobre os “Relatos”, como explicita Langer:

Primeiro, que o relato não poderia ser simplesmente uma fantasia proposital com a finalidade de conquista territorial pelo maravilhoso. Se fosse assim, afirmou, não inventariam os europeus mitos de homens descomunais, mais apropriados para a mente conquistadora?

José Machado de Oliveira também contestou a versão, ainda hoje presente em alguns pesquisadores, de que Orellana teria na verdade encontrado com índios, homens, e os “Relatores” teriam se atrapalhado, confundido com mulheres. Para José Machado a expedição era composta de homens experientes em aventuras e contatos entre culturas diversas, o que torna a ideia impensável, especialmente porque Frei Gaspar de Carvajal (1504-1584), autor de *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río grande de las Amazonas* (CARVAJAL, 1955, p. 104) faz a descrição muito detalhada do fato, inclusive sobre a nudez dos habitantes. Pode-se cotejar que não seria difícil distinguir um homem de uma mulher, se nus ambos estivessem.

José Machado de Oliveira estudou alguns autores que defendem a presença das guerreiras no Brasil, notadamente: Cristóbal de Acuña (1597-1695), autor de *Nuevo descubrimiento del Gran Río de las Amazonas*, em 1641 (ACUÑA, 2009); La Condamine, autor de *Relato abreviado de uma viagem pelo interior da América Meridional*, em 1745 (DE LA CONDAMINE, 1945, p. 65); e, ainda, Southey (1822).

Outro defensor da presença das Amazonas nos trópicos foi o etnólogo e pesquisador de mitos, o alemão Paul Max Alexander Ehrenreich (1855-1914), que numa expedição de estudos à Amazônia, em 1888, registrou a história do

“jacaré e das mulheres guerreiras” entre os índios Karajá. Conforme Ehrenreich, seria

uma lenda amazônica em sua forma mais singela, sem os acréscimos emprestados aos mitos antigos, com os quais os primeiros viajantes na América do Sul enriqueciam e distorciam a tão disseminada lenda das mulheres guerreiras (PRINZ, 2008, p. 3).

Segundo Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), um estudioso da tradição brasileira e outros temas, as Amazonas são personagens de um tempo remoto e de continentes outros, além do Brasil. Para ele

As formosas mulheres guerreiras passaram, no tropel da sua galopada, dos textos gregos e romanos, para os livros crédulos da Idade Média e para as páginas aventurosas dos viajantes posteriores aos descobrimentos. Na Idade Antiga e na Idade Média o reino das Amazonas foi colocado em diversos pontos e ia sendo mudado, sucessivamente, à proporção que ficavam mais desvendadas as terras onde se dizia que elas estavam. A partir da descoberta da América, contudo, o Brasil teve a honrosa preferência de hospedar as belas filhas e sacerdotisas da Lua (FRANCO, 2000 *apud* MENESCAL, 2012, p. 56).

O Jesuíta Padre Figueira (1574/1576-1643), estudioso da cultura indígena, tendo criado uma das primeiras gramáticas do Tupi, narra ter presenciado muitas histórias sobre as mulheres guerreiras pelos de índios com os quais conviveu. Esses índios narravam não só o fato de terem visto as guerreiras pessoalmente, como também diziam conhecer narrações de parentes sobre as Ykamiabas. Figueira (1903) diz que

o Rio a q' chamamos das Amazonas tem a boca debaixo da linha equinocial, e tem muitas e grãdes ilhas, as quais Alamazonas são mulheres q' não admitem cosigo homens senão em certo tempo pera effeito de se multiplicarem, e logo os lãçãm fora e depois parindo filhos machos os comem e cõservão as femeas; são guerreiras e caçadoras e engenhosas de mãos p. fazerem redes mto lavradas e tãbem seus arcos todos são pintados (MENESCAL, 2012, p. 56).

Gabriela Martin, em seu livro *Pré-História do Nordeste do Brasil*, discorre sobre a importância do mito para a ciência e a possibilidade de relações e conexões importantes. Cita o exemplo de Homero no contexto da arqueologia

mencionando que: “No século XVIII, Winkelmann²⁰ assentaria as bases da Arqueologia clássica e Schliemann, arqueólogo amador, 1868, consegue descobrir Troia, baseado praticamente, apenas no relato homérico” (MARTIN, 2005a, p. 24).

Por fim, pode-se indagar novamente: as mulheres guerreiras Amazonas existiram? Elas teriam chegado também ao Brasil?

Essas inquiuições nos transportam de imediato ao grande mestre Ariano Suassuna (1927-2014), quando traça comparações entre arte e ciência. Para o autor de *Auto da Compadecida*, “a arte e a ciência partem de um só e mesmo núcleo e ambas valorizam não somente a reflexão, mas também a imaginação e a intuição”, pensamento com o qual corroboramos. Ou, como diz Zamboni, na mesma direção,

Tanto a ciência quanto a arte, enquanto processos criativos e instrumentos do conhecimento humano, guardam semelhanças estreitas. Tanto em uma quanto noutra, é necessária a combinação dos aspectos racionais e intuitivos para se desenvolver os produtos gerados por suas atividades. (ZAMBONI, 1998, p. 30).

E sobre os Relatos coloniais eles exprimem verdade ou imaginação? Em busca de uma resposta plausível, nos transportamos do Nordeste brasileiro de Ariano Suassuna para a Alemanha de Schiller (1759-1805), que diz: “No abismo, reside a Verdade” (SCHILLER *apud* MORIN, 1999, p. 15).

Em 1998, Jeannine Davis-Kimball, arqueóloga americana da Universidade de Berkley (Califórnia), do Centro de Estudos dos Nômades Euroasiáticos, reconhecida e respeitada estudiosa das Amazonas divulgou que, quando pesquisava povos nômades antigos, descobriu cem túmulos do povo sármatas, entre o mar Negro e o mar Cáspio-a Sarmátia, próximo à cidade de Pokrovka, na Rússia, junto ao Cazaquistão, a famosa terra das Amazonas, já citada pelo historiador grego Heródoto (484-420 a.C.). Diz ainda que os sármatas teriam vivido no século VI antes de Cristo.

São fatos como estes, sejam oriundos do campo da arqueologia, da antropologia ou da história, que nos conduzem a aventar a possibilidade de as

²⁰ Johann Joachim Winkelmann (1717-1768), historiador e arqueólogo alemão foi considerado um dos fundadores da Arqueologia moderna; e Johann Ludwig Julius Heinrich Schliemann (1822-1890). Seguindo a escrita homérica escavou sítios arqueológicos e recolheu material que indicavam tratar-se de Troia.

Amazonas migrarem do universo mitológico ao histórico, universos que se interpenetram, se complementam na construção social e imaginária da sociedade (SOUZA, 2012).

O mistério ronda a vida, e há fartura do inexplicável. E esse esbanjamento do “que não se consegue explicar”, do inominável, nos remete a Kleist (1777-1811), dramaturgo e poeta alemão, um encantado pelas amazonas, pela personagem protagonista da sua tragédia, a rainha das Amazonas, Penthesileia, quando diz: “No coração das mulheres nascem tantas coisas que não são feitas para a luz do dia”. Kleist engendra essa fala referindo-se à “luz”, à razão, à racionalidade, que não alcançam as angústias da alma, não abarcam o indizível, não discernem o indomável de nós.

Parafraseando a personagem kleistiana podemos concluir que “no mundo nascem tantas coisas que não são feitas para a luz da ciência”. Talvez assim possamos compreender o fenômeno universal, transcultural e trans-histórico da inserção das mulheres guerreiras Amazonas no mundo antigo clássico, na idade média, na modernidade, na contemporaneidade, seja em forma de arte, mito ou história.

O exercício intelectual que guia esta tese traz embutido o desejo de usufruir do mistério do mito, do vigor da arte e do rigor da ciência, concomitantemente, por toda a longa caminhada em busca das Amazonas e de Penthesileia.

Na vida, quando se fecham as cortinas do palco do teatro abrem-se novos caminhos para a criação, para que a arte aconteça plena no seu exercício cotidiano, e exuberante no reabrir das cortinas, ao público.

Na vida, para que a ciência siga a capturar novas interrogações e utopias, é preciso ampliar o olhar, expandir os horizontes, como enfatiza Morin (1999, p. 18), defendendo a necessidade premente de não se reduzir o conhecimento a “uma única noção, como informação, ou percepção, ou descrição, ou ideia, ou teoria; deve-se antes concebê-lo com vários modos ou níveis”, ideia com a qual concordamos piamente.

Parece que o pensamento de Morin é o que vimos nos esforçando para alcançar ao trilhar os caminhos de Penthesileia, a rainha das Amazonas, por entre o mito, a arte, a ciência, articulando-os, conectando-os, de tal modo que haja uma intensa dilatação, um esgarçar de limites, um apagamento de

fronteiras. Porque a realidade não cabe em limites estreitos delineados pela compartimentalização do conhecimento, da ciência.

Finalizo este capítulo na companhia de Christa Wolf (2007, p. 11) que diz:

De dois anos para cá, andei perseguindo uma palavra, ou seja, CASSANDRA, e já tive vontade (que ora passava, ora retornava) de traçar em grandes linhas os caminhos ao longo dos quais essa palavra me conduziu. Muito, talvez a maior parte e o essencial, permanecerá sem ser dito, provavelmente inconsciente [...].

Igualmente à personagem Cassandra, de Christa Wolf, Pentésiléia, de Kleist, nos arrebatou.



